



NACIONALISMO

O PROBLEMA JUDAICO

E O NACIONAL SOCIALISMO

Antônio
J. Hegre, 2.7.

NACIONALISMO

CD - AIB/PRP

Doação do Sr(a):

Jose Luis Kops

Em: 29 / 11 / 96

ANOR BUTLER MACIEL

NACIONALISMO

**O PROBLEMA JUDAICO NO
MUNDO E NO BRASIL — O
NACIONAL SOCIALISMO**



N.º 975

1937

EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO
Barcellos, Bertaso & Cia. — Pôrto Alegre
Filiais: Santa Maria e Pelotas

**Em memória de minha mãe,
loura filha de Manchester, e
louvor das mães estrangeiras
que ensinam os filhos a amar
o Brasil.**

MATÉRIA

O PROBLEMA DA RAÇA	11
--------------------------	----

JUDAÍSMO

Um problema brasileiro.....	17
O povo judeu.....	25
A questão judaica.....	31
Os Protocolos dos Sábios de Sião.....	39
A doutrina dos Protocolos.....	45
A autoria dos Protocolos.....	51
O livro de Henri Ford.....	57
Os judeus nos Estados-Unidos.....	67
Judaísmo e comunismo.....	73
Um pouco de história dos judeus no Brasil.....	83
A colônia judaica no Brasil.....	91
Brasil, colônia de banqueiros.....	99

NACIONALISMO

Definição necessária	105
O problema da raça no Brasil.....	113
Corpo e espírito.....	119
A Nação brasileira.....	125
Nacionalismo e imigração.....	131
Judaísmo e nacionalismo.....	137
O nacional socialismo no Brasil.....	143

Entre nós, a análise e as investigações antropológicas encontram uma série considerável de obstáculos, uma espessa massa de preconceitos, que as dificultam prodigiosamente.

Oliveira Viana
(Raça e Assimilação)

O PROBLEMA DA RAÇA

Nas páginas admiráveis de "Minha Formação", observou Joaquim Nabuco que a nossa natureza está votada à indulgência, à doçura, à simpatia, e que cada um póde contar com a benevolência ilimitada de todos. . .

Graças a êsse espírito de tolerância, muitos problemas há, que a mais leve prudência aconselharia fôsem resolvidos imediatamente, e que, no entanto, vão tendo a solução dilatada, para não ferirmos suscetibilidades e não contrariarmos preconceitos. . .

Entre problemas dessa natureza estão os antropológicos, os que dizem respeito à formação étnica do homem brasileiro.

Entre nós — afirma o sociólogo Oliveira Viana — a análise e as investigações antropológicas encontram uma série considerável de obstáculos, uma espessa massa de preconceitos, que as dificultam prodigiosamente ("Raça e Assimilação").

Preconceitos raciais estão impedindo se olhem de frente certos problemas que desafiam a atenção nacional.

O receio de passar por grosseiro, por xenófobo, de ser considerado retrógrado, tem afastado muitas inteligências da apreciação franca de assuntos, realmente delicados, mas que urge sejam resolvidos, para não ficarem latentes, produzindo mau estar coletivo e tornando-se fontes de perturbação social.

Ao povo brasileiro, que vem se constituindo, no curso dos seus quatro séculos de vida, com surpreendente unidade, não pode passar despercebido que certos grupos de imigrantes querem assegurar a pureza de suas raças, considerando-se núcleos inassimiláveis com os elementos integrados efetivamente na vida nacional.

Aí estão, entre nós, os imigrantes judeus, em número de cinquenta mil ou mais, talvez, formando, na sua generalidade, uma raça que se exclue da comunhão nacional, que timbra em permanecer estranha a qualquer ligação de família com as que já se radicaram à terra brasileira e que nela formaram e amoldaram o espírito.

E tem palpitante atualidade o problema ariano, com que a Alemanha veio agitar as populações teuto-brasileiras, querendo, também, pregar entre nós a unidade de sua raça e opor-se à assimilação de tais elementos.

São temas de alta atualidade e de vivo interêsse para a Nação.

Chamando para êles a atenção pública, parece-nos conveniente também advertir que o mundo, na fase atual, já não comporta mais o ceticismo e o indiferentismo, que muitos votavam a problemas dessa natureza.

E' que as grandes agitações sociais vão colher de surpresa a quantos têm dado de ombros, julgando importunos e visionários os que levantam a voz para expor questões alheias aos interêsses atuais e particulares de cada um.

O individualismo já não pertence mais ao nosso século — é de uma era passada, que nos legou tanta miséria e tão sinistras perspectivas.

Êsse quadro que a Grande Guerra deixou aos moços, nos fêz fundamentalmente preocupados com a questão social.

Só para ela temos atenção e sentidos.

E' o destino da geração a que pertencemos.

Êste livro, como o que o antecedeu, "O Estado Corporativo", é um esforço para desincumbirmo-nos da tarefa que se impõe à classe que abriu os olhos para o mundo contemplando as maiores hecatombes dos séculos...

JUDAÍSMO

UM PROBLEMA BRASILEIRO

O povo brasileiro, tradicionalmente cavalheiresco e acolhedor, sempre abriu seus portos, indistintamente, a quantos estrangeiros procuraram abrigo à sombra generosa de nossa bandeira, fugindo de regiões menos propícias, onde lhes não sorriu a fortuna.

Graças a êsse espírito de tolerância e bondade, dezenas de milhares de judeus se estabeleceram no Brasil.

Como aos demais imigrantes, acolheu-os a simpatia popular, despida de quaisquer preconceitos raciais ou religiosos. E assim puderam prosperar e crescer entre nós, respeitados como os próprios filhos da terra.

Não encontraram aquí o ambiente hostil de outras regiões do universo.

Até mesmo nosso povo ignorava houvesse no mundo uma questão judaica e as perseguições aos judeus eram vagamente mencionadas como episódios do passado, sem interesse atual.

Prova dessa atitude é que a imprensa brasileira, até 1933, jamais se preocupou com o problema judaico, tão despercebidos estávamos das controvérsias acesas que iam por outros países.

Testemunha nossa afirmação Witold Kowerski, na "Introdução" do seu livro intitulado "Israel Sem Máscara", dizendo que a questão judaica era tão pouco conhecida e discutida no Brasil que, até setembro de 1933, encontrara um único artigo, do sr. Assis Chateaubriand, dando informações exatas sobre o assunto.

Nesse ano, porém, o público brasileiro vai tomar conhecimento da questão judaica, porque se divulga, então, no Brasil, um livro alarmante, intitulado "Os Protocolos dos Sábios de Sião".

Essa obra, que denuncia a existência de uma conspiração judaica, visando a posse do poder universal, teve larga repercussão noutros países, desde 1919, e ia aqui, também, polarizar a atenção nacional.

Ainda se estava sob a impressão da novidade e escândalo desse livro, quando, no mesmo ano, a Livraria do Globo dava publicidade, em português, à tradução de uma série de artigos do "Dearborn Independent", jornal pertencente ao multimilionário e conhecido industrialista norte-americano

JUDAI...
Henri Ford, que reforçavam a gravidade das revelações contidas nos "Protocolos dos Sábios de Sião", mencionando fatos probatórios da assustadora conjura, cujos planos essa obra denuncia.

Junte-se ao interêsse despertado pelas publicações referidas a violenta campanha de perseguição movida na Alemanha contra os judeus, de que o serviço telegráfico de todos os jornais dá notícia, e se verá que, forçosamente, os brasileiros tinham de se capacitar da existência de uma questão judaica.

O interêsse pelo palpitante problema surgia, no Brasil, justamente após ter sido fundada a Ação Integralista Brasileira.

Essa associação, que se constituiu em 1932, como único partido nacional, congregando os brasileiros de todos os recantos da Pátria, desfraldou a bandeira das reivindicações nacionalistas.

Depois disso; logo, por causa disso — raciocinaram alguns judeus.

E, sentindo-se atingidos pela revelação ao público brasileiro da existência de uma questão judaica, tomaram por agressores os "camisas verdes", designação pela qual são conhecidos os adeptos da Ação Integralista Brasileira.

Assim é que, num ou outro setor judai-

co, se assumiu posição de combate ao Integralismo.

Despertada a atenção nacional para o caso, verificámos, então, que a colônia judaica no Brasil, muito mais que qualquer outro grupo de estrangeiros, timbrava em não se assimilar aos nacionais, conservando-se completamente isolada.

Sem que nosso povo, tão hospitaleiro e sociável, tivesse, por qualquer forma, repellido do seu convívio os israelitas, estes mantêm vida social própria, com associações fechadas de caráter cultural, esportivo, recreativo e religioso.

Quando inquiridos sôbre os motivos dêsse isolamento, alegam que a sua união tem como elo, exclusivamente, a crença religiosa.

Mas excluem de suas comunidades os filhos que buscam companheira para o matrimônio fora da sua raça e a defendem ciosamente de qualquer mistura de sangue.

Nas nossas cidades, onde os judeus são mais numerosos, fomos descobrir em tôdas elas um "ghetto" em formação, um bairro que os israelitas vão conquistando dia a dia, disputando uma por uma de suas habitações.

Êsse fenômeno, dizem-no os conhecedores dos hábitos do povo judeu, se observa em

todos os lugares onde êles constituem um grupo considerável, pois que se afastam, sistematicamente, do contacto com os não judeus, que denominam de "goim" e consideram impuros e pagãos, cuja convivência só é tolerada porque é de todo impossível evitá-la.

Essa atitude é que explica o "ghetto".

Não são, pois, somente as perseguições ou o confinamento imposto pelos governos, que os reúne e isola do contacto mais íntimo com os nacionais.

Isso se patenteia entre nós, onde os "ghettos" se formaram, apesar da ampla liberdade concedida aos hebreus e da sociabilidade e cavalheirismo das nossas populações.

Vê-se que, apesar dessa nossa atitude de confraternização, também entre nós êles se unem em certos bairros, que acabam ocupando, afinal, por inteiro.

O tema não tardou muito a passar ao conhecimento do grande público, que o mantém no palco das suas cogitações.

Tornou-se um problema brasileiro.

Para que, pois, fingir ignorá-lo?

E' preferível encarar a questão de frente e procurar-lhe uma solução justa e honesta.

O POVO JUDEU

O cêrco de Jerusalém pelos romanos, no comêço da era Cristã, ficou célebre na história.

Defendiam-se os judeus por um duplo muro, construído ao redor da cidade.

Ésses muros os romanos, comandados por Tito, destruíram.

Mas a defesa desesperada oposta aos invasores, forçou estes a construir por sua vez uma longa muralha de oito quilômetros, para substituir as que penosamente haviam destruído.

Meses de espera se seguiram.

Tito desfaz a sua muralha para o ataque final.

Mas atrás dela, outra havia sido construída pelos judeus.

Esta cede, afinal, ao ímpeto dos atacantes.

E' o fim da luta e de Jerusalém, onde pereceu mais de um milhão de sitiados.

As velhas muralhas ruídas e ensanguentadas ficaram lembrando os trágicos episódios.

Hoje elas são o muro das lamentações, onde os judeus vão chorar a ruína da sua pátria.

Da destruição do centro nacional judaico, resultou a dispersão ou a Diáspora do povo hebreu, que se espalhou por todo o universo.

Apesar, porém, de se terem separado, procurando refúgio nos vários países, os judeus jamais perderam a sua feição nacional, conservando sempre os laços de comunhão política e zelando pela inassimilação dos seus elementos com os das terras que lhes davam abrigo.

Nos primeiros tempos que se seguiram à Diáspora, Palestina foi o centro espiritual, contribuindo com uma moeda para a manutenção do seu templo todos judeus do universo.

Essa contribuição formava um tesouro tão grande que o preço do ouro nos mercados mundiais era afetado sempre que os invasores punham mão nessas riquezas.

A lei judaica, por si só, porém, não assegura a comunhão do povo esparso pela terra.

Os dirigentes do movimento judaico criam o cargo de Nasi, ou príncipe do exílio. A história dêsses príncipes é assaz interessante.

A êste cargo hereditário e que foi reconhecido por Roma, competiam várias prerrogativas, e constituía não só laço eficiente entre os judeus espalhados pelo mundo, mas também elevava a estes moralmente, perante as nações, afirma Adolfo Benarus (Os Judeus).

Enquanto assim agiam os judeus na Palestina, em Babilônia os hebreus submetiam-se à autoridade do Rosh Agalut, ou Príncipe do Cafiveiro, que os reis partas reconheceram como chefes dos súbditos israelitas.

Como a autoridade sôbre os súbditos judaicos dependesse, principalmente, da observância da sua lei, foram as diversas disposições que vinham sendo transmitidas no correr dos séculos, compendiadas em um livro denominado Mishná.

As discussões provocadas por êsse compêndio, estão encerradas na Guemará, que, juntamente com a Mishná, compõem o Talmud, que substituiu o Torá, ou lei de Moisés.

Assim, passados os primeiros cinco séculos da dispersão, os judeus haviam unificado a sua lei.

Fundados na unidade da lei, os sacerdotes judaicos alcançam um prestígio universal.

Assim vemos, mil anos depois de Cristo, o rabi Rabenu Guerchon obter dos judeus a definitiva condenação da poligamia.

No século XVI esboça-se a grande divisão dos judeus da Europa em Sefardim, designação que se refere aos judeus da Hespanha e Portugal, e em Askenazim, ou judeus alemães e poloneses.

O termo Askenez aparece no Gênesis, X, 3, na enumeração dos filhos de Gomer, que é considerado como o antepassado dos judeus alemães. E Sefarad, que aparece no versículo 20 da profecia de Abdias, supõe-se ser a designação da Espanha.

Os sefardim e os askenazim não se distinguem só pelo idioma, como ainda pelos ritos e práticas das sinagogas.

Os askenazim são menos cuidadosos no aspecto exterior, falam um dialeto, o iidish, influenciados pelas perseguições sob que têm vivido.

Os sefardim, pelo contrário, habituados a melhor tratamento, entregaram-se ao luxo e ao cultivo das letras.

Mas uns e outros têm sofrido, através dos tempos, violentas perseguições.

A constante dessa atitude, é, essencialmente, o que constitue a questão judaica.

A QUESTÃO JUDAICA

As perseguições de que vêm sendo vítimas os judeus, través dos tempos e dos mais variados países, permitem afirmar a existência de uma questão judaica, isto é, a imigração judaica, em todos os países, durante os séculos, tem constituído um problema de difícil solução, por provocar e acender ódios e paixões.

Mas, porque são os judeus perseguidos, expulsos, combatidos?

Quais as acusações levantadas em todo o universo contra os israelitas?

Eis a questão judaica.

Para que se possa fazer uma idéia precisa da questão judaica e seu estado atual, vamos expor, em síntese, o libelo acusatório.

Atribue-se ao povo de Israel a execução de um plano maquiavélico de destruição das nações cristãs, visando exercer domínio despótico sôbre o universo inteiro.

Tomaria, assim, uma desfôrta das per-

seguições de que tem sido vítima através dos séculos.

Mas não é só a sêde de vingança que o impele a esta atitude, senão, também, o seu messianismo.

Como se sabe, desde tempos imemoriais — rezam os mais velhos documentos hebreus —, o povo judaico esperava a vinda do Messias, de um príncipe poderoso, destinado a governar os povos e dar felicidade e glória à sua Pátria.

Jesús Cristo foi o Messias.

Mas grande parte do povo judeu não quis ver na humildade do Nazareno, o sonhado dominador dos povos.

O reino que ambicionavam deveria ser um império do mundo, o govêrno efetivo sobre tôdas as outras nações.

Vinte séculos já decorreram da vinda de Nosso Senhor Jesús Cristo.

Muitos falsos Messias já surgiram dentre os filhos de Israel.

Ha hebreus que continuam, ainda, esperando o desejado.

Outros, porém, não creem mais que o prometido seja um homem.

Desenganados pela espera vã, dão às Escrituras Sagradas e profecias da vinda do Salvador, apenas um valor simbólico.

Para êles não é um filho de mulher que

vai governar o mundo, mas o próprio povo de Israel, de que é o Messias simplesmente figura simbólica.

Foi ao seu povo escolhido que Deus destinou a glória da dominação universal — é preciso cumprir essa profecia e, porisso, os judeus se empenham na luta formidável contra as demais nações, tidas como pagãs, em relação ao seu credo. É o plano de realização dessa idéia messiânica que “Os Protocolos dos Sábios de Sião” contêm.

A primeira acusação formulada contra os judeus é a de planejarem a conquista de todo o poder, tarefa em que êles vêm empenhando os mais decididos esforços.

A segunda acusação, de palpitante atualidade, decorre dessa primeira.

Como os judeus vão vencer os povos todos da terra, êles que não têm pátria, que vivem espalhados por todo o mundo?

Se não têm canhões, se não possuem soldados, se têm espírito avêssos à carreira das armas?

Êles são acusados de combater os povos que os acolhem, no seu próprio seio, desmoralizando-os, desfibrando-os.

E são acusados, ainda, de propagarem, dirigirem e controlarem o movimento comunista no universo!

Essa acusação gravíssima é feita oficialmente pelo Governo atual da Alemanha.

Também atribue-se aos judeus a suprema direção da Maçonaria no universo. Graças a essas sociedades secretas, conseguem impor seu pensamento e obter as mais confidenciais informações de que necessitam.

Tal afirmativa encontra inúmeros incredulos, pois que muitíssimas são as pessoas não israelitas que fazem parte das associações maçônicas em todo o mundo.

Mas cumpre notar que os maçons de qualquer ponto do universo mantêm entre si íntima relação e são admitidos em qualquer Loja.

A série de graus e ritos maçônicos fazem crer na existência de uma superposição de associações secretas, cujos graus supremos são detidos por desconhecidos.

Estes são judeus.

Sob as mais diversas formas espalham os seus pensamentos e colhem os mais íntimos segredos de tôdas as nações.

Como justificar a assertiva? Os fatos mostram que a Maçonaria e os maçons não judeus, conciente ou inconcientemente, fazem o jôgo do judaísmo, procurando aniquilar o cristianismo.

Ao lado dessas acusações ao povo judaico na sua totalidade, as várias nações do uni-

verso que têm acolhido os judeus, alegam que estes vivem no seu meio sem perder a sua nacionalidade, desprezando a assimilação com os elementos do país.

Tornam-se, assim corpos estranhos, nos organismos nacionais.

Alegam constituir, apenas, uma seita religiosa, mas, efetivamente, consideram-se uma nação dentro das diversas nações e tudo fazem para apossar-se dos altos cargos para dominá-las.

O predomínio que alcançam, porém, não é somente devido às qualidades superiores de sua raça, mas efeito da aplicação de uma moral diversa da dos cristãos e cuja prática, pondo-lhes às mãos armas desiguais, assegura estrondosas e incompreensíveis vitórias.

Nos capítulos seguintes desenvolveremos os diversos pontos dêsse libelo, que faz dos judeus os eternos proscritos.

**OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS
DE SIÃO**

O povo judeu é acusado de querer dominar o universo, destruindo a civilização cristã, para escravizar todos os povos.

A revelação dos "Protocolos dos Sábios de Sião" veio denunciar os meios com que contavam êles realizar tal intento.

Assim os "Protocolos" passaram, no século XX, a constituir o núcleo central das acusações anti-semitas.

Em que consistem os "Protocolos"?

Quem os elaborou?

Como apareceram?

Em 1905, o professor russo Sérgio Nilus depositava no British Museum, em Londres, um livro intitulado "O Grande no Pequeno e o Anti-Cristo", edição russa, donde foram extraídos os "Protocolos".

Segundo o responsável pela publicação, as associações sionistas se reuniram em congresso, em Basileia, em 1897, assentando as

bases de um programa de conquista, que o êxito dessas associações, em emprêsas anteriores, justificava plenamente.

Foram examinadas as etapas já vencidas nesse sentido e as diversas fases que se deveriam suceder, os métodos a serem empregados e a tática a seguir.

As diversas secções do Congresso haviam redigido as suas atas respectivas, ou "Protocolos", em francês, porque muitos congressistas ignoravam o hebreu.

E' evidente que só os iniciados teriam conhecimento de tão secreto trabalho, confiado exclusivamente aos Sábios de Sião, isto é, aos dirigentes do movimento sionista internacional.

Uma mulher, entretanto, teria logrado apoderar-se de um original do documento, entregando-o, em 1901 ao marechal ucraniano Alexis Nicolajevitch Sukhotin, fato que combinaria com uma circular expedida, com a assinatura do lider judeu Hertzl, no mesmo ano, dando conta de que traidores haviam levado ao conhecimento dos cristãos importantes documentos secretos israelitas.

Impressionado com o conteúdo de tais documentos, aquele marechal os dera a Nilus, recomendando que dêles tirasse o me-

lhor partido, em defesa dos interesses da religião e da Pátria.

Os "Protocolos" são em número de 24 e constam de máximas e ensinamentos, dando a idéia de que seus autores quiseram expor, em lições, as doutrinas de Israel e os objetivos dos judeus, desde tempos remotos, assim como os pormenores da campanha para atingir o poder supremo do universo.

Na Rússia, além da referida edição de Nilus, os "Protocolos" foram impressos no mosteiro de São Sérgio e uma outra impressão é atribuída ao bispo Jouin.

Vertidos para o inglês, em 1919, os "Protocolos" causaram grande repercussão na Inglaterra, tendo ocupado a atenção da imprensa londrina, especialmente do "Times", que lhe consagrou vários artigos.

Simultaneamente com a tradução inglesa, apareceu a alemã, que rapidamente se espalhou pelos Estados do Reich e pela Áustria.

Nos Estados Unidos a obra foi difundida sob o título "Os Protocolos e a Revolução Mundial"; em 1920, apareceu uma edição na Polônia e, em seguida, surgem edições francesas.

A divulgação dos "Protocolos" foi feita num momento crítico, logo depois da Grande Guerra.

Acabava, então, de ruir o império russo.

Criava-se a Liga das Nações.
Estabelecia-se o Lar Judaico, na Pales-
tina...

Os fatos estavam confirmando, estra-
nhamente, as predições de um velho livro,
registrado já três lustros antes!
O alarme era, pois, inevitável.

A DOUTRINA DOS "PROTOSCOLOS"

“Os Protocolos dos Sábios de Sião”, segundo o professor Nilus, responsável pela sua primeira publicação, teriam sido por êle redigidos à vista de originais autênticos, mas com certa liberdade de redação e interpretação.

Os elementos essenciais da sua doutrina são:

- a) crítica filosófica dos princípios liberais e apologia do regime autocrático;
- b) exposição de um plano, metódicamente desenvolvido, para garantir aos judeus o domínio do mundo;
- c) profecias a respeito da próxima realização da parte essencial dêsse plano.

Sustentam os “Protocolos” que a política nada tem de comum com a moral.

O govêrno que pretende observar a moral, não é político e, porisso, o seu poder é frágil.

corresponde a pagarem juros eternamente aos judeus, meio pelo qual os povos cristãos se tornaram tributários da finança judaica.

Com o ouro, Israel aniquilará completamente o poder de tôdas as nações e governará o mundo, como foi predito por Deus.

O rei dos judeus será, então, o verdadeiro papa do universo, o patriarca da igreja internacional.

A AUTORIA DOS "PROTOCOLOS"

A divulgação dos “Protocolos”, em 1919, estourou como uma bomba.

O “Times”, jornal de imensa circulação e prestígio na Inglaterra, impressionado com a concordância entre os fatos e as previsões de um livro depositado oficialmente quinze anos antes, chegou a lançar esta interrogação:

“Teremos escapado a uma paz germânica para nos submetermos às condições de uma paz judaica?”

Os israelitas se apressaram, pois, a desmentir, veementemente, lhes coubesse a autoria dos “Protocolos dos Sábios de Sião”.

Em França, Salomão Reinach, sábio judeu de renome universal, declarava, em artigo publicado pela imprensa, que os “Protocolos” eram invencionice de Nilus.

Na Inglaterra, o conhecido publicista judeu Lucien Wolf, escrevia um livro para provar, com dados históricos, que o judaísmo,

pela sua essência, nem é anti-monárquico, nem anti-cristão.

Em 1921, os judeus obtinham uma grande vitória em publicidade, pois o "Times", que antes havia feito tanto escândalo em torno dos "Protocolos", anunciava que seu correspondente em Constantinopla havia descoberto que esse livro não passava de um plágio do panfleto dirigido contra Napoleão III, e publicado em Bruxelas, em 1865, pelo advogado Maurício Joly, intitulado "Diálogo nos Infernos entre Maquiavel e Montesquieu".

Os anti-semitas, porém, não se deram por vencidos com tal descoberta.

Reconhecem êles a indiscutível semelhança entre os "Protocolos" e os "Diálogos nos infernos", nos quais há passagens paralelas.

Mas afirmam que essa analogia não prova o plágio e sim que os dois autores se serviram de fonte comum.

Maurício Joly é identificado como sendo filho de um judeu de Veneza, de nome verdadeiro Moses Joel.

Como judeu, conhecia um manuscrito do século XVI que já encerrava a doutrina contida nos "Protocolos".

Fazem notar que obra semelhante também fôra publicada pelo alemão Hermann

Goedsch e assim afirmam a existência de uma fonte comum, inspiradora de tôdas as publicações.

Embora os "Protocolos" não fôsem obra do Congresso de 1897, seriam de autoria judaica e em tal Congresso se teriam simplesmente avivado rumos de um plano antigo já em execução.

O problema da autoria dos "Protocolos" tem interessado vivamente a opinião universal, sendo, atualmente, objeto de controvérsia judiciária.

Com efeito, na Suíça estão sendo processados os divulgadores dos "Protocolos", como infratores do artigo 14 da Constituição de Berna, que proíbe a literatura imoral.

Esse pleito tem sido movimentadíssimo e nêle se encaixou a discussão da autenticidade dos "Protocolos".

Em 1934, o juiz que proferiu sentença no processo concluiu que a defesa não havia provado a alegada autenticidade dos "Protocolos dos Sábios de Sião".

"L'Homme de Droite", órgão nacionalista de Genebra, porém, logo que é proferida a sentença, procura reduzir a significação do julgado e argumenta:

"A coisa essencial é a verdade do texto. A Igreja ensina que a prova da autenticidade de uma profecia é a sua realização.

Ora, o programa dos "Protocolos" foi executado em todos os seus pormenores.

Como explicar tal mistério?

Não há senão três alternativas possíveis:

- 1.º — Ou o cumprimento integral das predições tôdas é devido a uma série de coincidências... o que é inadmissível;
- 2.º — ou as profecias foram escritas por um vidente, o que é possível... mas improvável;
- 3.º — ou a realização do plano exposto nas 24 lições dos "Protocolos" é o resultado de intenções e ações premeditadas, cuidadosamente executadas no momento preciso.

Não há outra alternativa."

O processo está aguardando, atualmente, o julgamento de segunda instância.

Enquanto se espera a decisão final do pleito, continua acesa, em todo o mundo, a luta em tôrno da autenticidade dos "Protocolos dos Sábios de Sião".

O LIVRO DE HENRI FORD

Logo após o escândalo produzido pela divulgação profusa dos "Protocolos dos Sábios de Sião", em 1919, surgiu, nos Estados Unidos, no ano seguinte, uma série de artigos no "Dearborn Independent", citando fatos tendentes a demonstrar a realidade do plano traçado nos relatórios atribuídos aos israelitas.

Tiveram tais artigos enorme repercussão, pois que o jornal era de propriedade do grande industrial universalmente conhecido Henri Ford.

Mais tarde foram essas publicações reunidas em volume, sob o título "O judeu internacional".

O livro fala claro do poder soberano da alta finança, nas mãos judaicas e da solidariedade dos judeus de todo o mundo que se consideram uma nação independente de quantas lhes têm oferecido hospitalidade ou toleram-nos em seu seio.

Eis um exemplo bastante elucidativo dessa comunidade universal de interesses, pairando acima dos pontos de vista particulares de cada povo:

Durante a Grande Guerra, nos portos dos Estados Unidos, prontos para embarque, tinham os judeus de Hamburgo enorme quantidade de fardos de algodão.

A situação internacional exige a entrada dos Estados Unidos na luta, contra a Alemanha, ao lado da Inglaterra.

A propriedade do algodão dos judeus da Alemanha deverá ser, portanto, confiscada.

Pois do dia para a noite passa ela para o nome dos judeus londrinos...

Não há fronteiras para os judeus; os "goim" que se guerreiem... para comprar material bélico dos fabricantes judaicos e realizar-lhes os planos...

Henri Ford sustenta, pois, a existência de uma alta potência financeira central, constituída de israelitas, que faz o jôgo dessa raça, em tôda a parte, com a sua organização admirável, verdadeira partida de xadrez que tem o mundo por taboleiro e o domínio mundial por parada.

A tese de Ford indignou os judeus, porque o ataque calava fundo, principalmente o alarme contra a infiltração judaica nos Estados Unidos da América do Norte.

Fazia o articulista a seguinte
vação: "O judeu americano não se assimila, e
conste isso não como censura, mas por ser
fato inegável.

O judeu, se quisesse, poderia muito bem
tornar-se yankee, mas não o quer.

Se na América, fora da inquietação pro-
duzida por suas enormes riquezas, existe,
realmente, um prejuízo contra o judeu é o
que vem de sua acentuada separação do resto
dos americanos e que dá a idéia de que não
quer pertencer à comunidade nacional."

A exposição de tais idéias provocou a re-
ação judaica, resultando o desenvolvimento
de violenta campanha contra Ford, que du-
rou diversos anos e só terminou com a sua
retratação, em 1927.

Léon de Poncins assim historia o episó-
dio final dessa luta:

"Angustiado por graves embaraços fi-
nanceiros, processado pelos judeus perante
os tribunais americanos, vítima de grave aci-
dente automobilístico — que se diz ter sido
muito misterioso —, Ford escreveu às or-
ganizações judaicas uma carta em que des-
mentia tudo o que publicara contra os ju-
deus.

Estes, depois de o deixarem algum tem-
po na incerteza, aceitaram a retratação.

Os processos em andamento foram sustentados. . .

Apesar do desmentido, a matéria do livro merece atenção e o confronto das teses com a realidade.

Se a América só agora descobriu os judeus, estes, pelo contrário, estavam entre os descobridores da América.

O judeu secreto, quer dizer batizado, mas ocultamente exercitante do judaísmo, Luiz de Santangel, arrendatário de impostos, favorece a partida de Colombo.

Com êste vêm em 1492 diversos judeus, como Gabriel Sanches, Alonso de la Calle, Marco, cirurgião; Luiz de Torres, intérprete; Bernal, médico.

Santangel e Sanches obtêm prerrogativas diversas por sua participação na empresa.

Luiz de Tôrres dá aos judeus o predomínio no mercado do fumo, até hoje mantido. E Colombo?

Desgraçado pelas intrigas de Bernal, sofre injustiças e prisões.

Os judeus aproveitam, pois, da descoberta e o descobridor vai parar na cadeia.

Assim começa Ford a descrever a influência judaica nas terras americanas.

O alarme contra a infiltração judaica nos Estados Unidos parece que não merecia

retratação, pois encontra cabal confirmação na recente reportagem de Adolf Aizen, descrevendo Nova York em 1935, como se vê do seguinte trecho:

"O comércio, os bancos e o movimento geral de Nova York, ontem, amanhecera paralisados, dando a impressão completa de um feriado nacional ou dia santificado. Feriado nacional? Dia santificado? Não era possível.

30 de setembro em todos os calendários da América é um dia como outro qualquer.

Último do mês, justamente quando o outono abre as portas ao inverno. Quando os negócios mais aumentam de intensidade. E todos voltam das praias ou do veraneio para novos empreendimentos.

Porque fechava o comércio, então, no dia 30 de setembro, ontem, e porque os bancos paralisavam os seus negócios e decrescia o movimento das ruas?

Eis a razão: ontem foi o dia do Youm Kippur, o maior do calendário israelita, que, em Nova York, tem o mesmo poderio de um decreto governamental.

O estrangeiro que ontem desembarcasse na primeira capital do mundo, e desejasse almoçar, fazer compras, retirar dinheiro do banco ou se divertir nos grandes cine-teatros, teria de formar esta convicção: ontem, sá-

bado, dia 30 de setembro, era mais feriado que hoje, domingo, primeiro dia de outubro, com tôdas as lojas de todos os bairros em pleno funcionamento...

Só, não!

Ontem, dia de Youm Kippur, as várias companhias que exploram o "subway" de Nova York puseram trens especiais, de minuto em minuto, exclusivamente para levar as massas israelitas e outras com destino ao local em que se representava "O Romance do Povo", reconstituição da vida judia através da humanidade, com 6.000 pessoas em cena.

Ontem, dia de Youm Kippur, as empresas de ônibus tiveram itinerários especiais para as várias centenas de sinagogas espalhadas pelo colosso novayorkino.

Ontem, dia de Youm Kippur, à noite, desde o Rádio-City, que é o maior cinema do mundo, até o mais baratinho do subúrbio, todos levavam filmes de assuntos israelitas, sendo representado, no palco do primeiro, com o acompanhamento de 80 professores, um quadro com a peregrinação dos judeus, inédito para o mundo.

Os judeus mandam na América tanto quanto os católicos no Brasil.

E' uma verdade que precisa ser dita.

O atual governador do Estado de Nova York é judeu. São judeus mais outros quatro governadores de outros Estados. E' de um judeu a direção do "New York Times", o maior jornal da cidade. E são judias as direções de todos os outros formidáveis órgãos de imprensa ou publicidade. Que o diga Hitler, com a campanha doida que sofreu na América...

Não é só, nem podia ser.

Fala-se em um grande tenor, orgulho da América — é judeu.

Fala-se em um garoto precoce, pianista como nenhum outro — é judeu.

Fala-se de um romancista de sucesso, escritor de fibra — é judeu.

Fala-se do maior pintor do mundo — é judeu...

E são judeus: os diretores da maioria das casas bancárias, os proprietários dos grandes magazines, os donos das lojinhas de miudezas, das confeitarias, dos cafés, dos restaurantes, dos cinemas, das poderosas emprêsas cinematográficas e, para não perder o costume, a tradição, de tôdas as casas de penhores e belchiors..."

Enfim, para completar os informes sobre o prestígio dos judeus na América do Norte, o "Correio do Povo" noticiou na co-

luna intitulada "Movimento Israelita", em setembro de 1934, que o presidente Roosevelt se inscreveu no livro de ouro do Fundo Nacional Israelita.

Uma comissão de judeus esteve na Casa Branca, onde lhe fêz a entrega do respectivo certificado de contribuinte.

Na palestra que se seguiu logo após a cerimônia foi lembrado que todos os presidentes, depois de Wilson, tinham cooperado para o Fundo Nacional Israelita...

OS JUDEUS NOS ESTADOS UNIDOS

A observação dos costumes dos judeus, recebidos de braços abertos nos Estados Unidos, onde se multiplicam e prosperam, deve fornecer-nos o elemento da experiência, para analisarmos a conveniência de tais povoadores, tendo-se em conta o seu grau de assimilação, estudo de que nos ocuparemos adiante.

Porisso, limitamo-nos, agora, a expor as observações de André Siegfried, num livro de grande successo "Les États-Unis d'aujourd'hui".

Na fusão de raças que se opera nos Estados Unidos, o caso dos judeus é singular.

A primeira impressão que se tem do judeu é que sua americanização se opera rapidamente, pois nenhum estrangeiro se adapta tão depressa às condições peculiares do ambiente norte-americano.

Alí acorrem israelitas de todo o mundo, desde os aristocratas e banqueiros, saídos de Londres ou de Francfort, aos mais pobres e obscuros judeus que se escaparam dos "ghet-

los" da
rar-se de séculos de opressão e de desprezo.
E encontram uma terra de liberdade, onde
se dá o mais alto valor ao sucesso material,
onde o dinheiro é fator decisivo de todo o
sucesso.

Nêles se opera, pela sua consciência de povo eleito, a transformação de sua mística religiosa, em sêde de riqueza, para alcançar o poder.

Na sua primeira fase de assimilação, o judeu desconcerta pelo seu conformismo extremo, por um exagero verdadeiramente suspeito de adaptação.

Nas manifestações nacionalistas, se fordes apurar quem é o porta-bandeira, vereis, com certeza, que o pendão estrelado é erguido por um filho de Israel.

Parece que ficou encantado por espectativas nunca sonhadas e esqueceu, completamente, as tradições seculares.

Muda de nome, Jonas passa a ser Jones e Schoenberg vira Belmont.

Três anos depois de sua chegada, vencido um curso universitário rápido, o hirsuto foragido dum longínquo "ghetto" do Oriente, é um cidadão americano, perfeitamente barbeado.

Três gerações se sucedem.

Vamos aos bairros pobres, ou aos quarteirões elegantes onde vivem os ricos. E, voluntariamente ou não, constataremos que todos êles continuam grupados, menos pelos laços religiosos do que por uma obscura comunhão de raça.

E' que, apesar de sua adaptação material, persiste o gênio original da raça, como um sêlo distintivo de todos os seus pensamentos, atos e realizações.

Quando a onda imigratória da Rússia, em grande parte russo-judia, se espraiou pelos Estados Unidos, nos últimos 24 anos do século XIX, já havia alí numerosos israelitas da mais alta categoria, assimilados à cultura americana.

A maioria dêles já se havia laicisado.

Pois bem, com a chegada das novas, quasi todos regressaram à ortodoxia.

O ritmo da atividade judia no mundo dos negócios é frenético.

O judeu errante obriga, porisso, o cristão a seguí-lo na sua carreira desenfreada de concorrência em todos os setores da atividade comercial.

Mas não é só nesse terreno que a luta tem tais proporções.

Nas universidades, enquanto os americanos "cem por cento" se dedicam ao des-

porto e ao flirt, o judeu se encerra nas bibliotecas, a manusear os tratados mais substanciosos.

Enquanto a atividade dos estudantes propriamente nacionais é esparsa, pessoal, a dos judeus se enquadra e organiza coletivamente.

Eis o fruto da observação de um espírito arguto, de um século de vida judaica nos Estados Unidos.

Atentemos para o exemplo.

JUDAÍSMO E COMUNISMO

No libelo acusatório contra o povo de Israel, figura, como acusação mais grave, a de identificar-se judaísmo e comunismo.

Não falta quem ache a identificação verdadeiro paradoxo.

Pois não são os judeus justamente os detentores das grandes fortunas?

Não são êles os grandes banqueiros? Os grandes chefes de emprêsa? Não auferem vantagens enormes dêsse regime de livre concorrência?

Que pode, pois, ter de judaica a teoria do judeu Marx?

Os argentários judeus são um número insignificante, parcela mínima do povo israelita. Sôbre o interêsse dêsse grupo, fala, nêle próprio, mais alta, a voz do sangue.

O povo judeu vive séculos de opressão, que o regime de expressão das massas populares, por seu caráter nacional, não suprimia necessariamente.

No libelo acusatório contra o povo de Israel, figura, como acusação mais grave, a de identificar-se judaísmo e comunismo.

Não falta quem ache a identificação verdadeiro paradoxo.

Pois não são os judeus justamente os detentores das grandes fortunas?

Não são êles os grandes banqueiros? Os grandes chefes de empresa? Não auferem vantagens enormes dêsse regime de livre concorrência?

Que pode, pois, ter de judaica a teoria do judeu Marx?

Os argentários judeus são um número insignificante, parcela mínima do povo israelita. Sôbre o interêsse dêsse grupo, fala, nêle próprio, mais alta, a voz do sangue.

O povo judeu vive séculos de opressão, que o regime de expressão das massas populares, por seu caráter nacional, não suprimia necessariamente.

A doutrina de Marx traz o inevitável desmoronamento da ordem social existente, e, pela efetiva nivelção dos homens, a plena equiparação dos judeus a todos os povos.

Marx proclamava que a ditadura do proletariado tem de ser precedida pela concentração dos capitais.

Concentrando, pois, os capitais, os magnatas judeus nada mais fazem que apressar a revolução proletária.

E seu esforço não ficará à mercê dos ditadores proletários, porque Kautsky lhes ensina, n' "A revolução proletária":

"Se tôda a economia capitalista não deve ser confiscada e encampada pelo Estado, de um só golpe, se devem continuar sua existência, nem que seja em parte, não é lícito despojar as emprêsas dos meios que lhes são indispensáveis para continuarem seu funcionamento e que depositaram nos bancos. Assim é que quem refletiu bem sôbre essa questão, não exige mais a socialização dos capitais depositados nos bancos. E' necessário e bastante exigir a oficialização do aparelho bancário."

Não admira, pois, que Jacob Schiff, judeu, diretor da firma judia Kuhn Loeb & Co., internacionalmente conhecida como grande argentária, afirmasse que a revolução russa se realizou com seu concurso financeiro.

Milionários e proletários judeus, se dão as mãos na obra de destruição das instituições cristãs.

Porisso, José Goebbels, o ministro de propaganda da Alemanha, diz que a Internacional Bolchevista é sinônimo da Internacional Judaica.

Vamos dar-lhe a palavra para justificar a arrojada assertiva.

Foram os judeus os inventores do marxismo.

Por meio dessa doutrina, tentam, há décadas, subverter a ordem em todo o mundo. E até hoje, em todos os países, encontramos os judeus à frente das hordas comunistas.

A teoria marxista, essa insânia política e econômica, foi inventada pelo judeu Karl Mordechai, chamado Marx, filho de um rabino de Trier.

O escritor socialista Ferdinand Lassalle era filho do judeu Cain Wolfsöhn, natural de Loslau, o qual passou a denominar-se Loss-lauer, Lassel e, finalmente, Lassalle.

O ministro do trabalho da comuna de Paris foi o judeu Fraenkel, amigo de Marx.

Em 1886, o terrorista judaico Karl Cohen desfechou dois tiros contra Bismarck, na avenida Unter den Linden.

Os judeus poloneses Leo Joggisches e Rosa Luxemburg foram, durante a conflagra-

ção européia, na Alemanha, os propulsores da sua derrocada e do preparo da revolução universal.

E segue-se uma lista longa de judeus que participaram dos movimentos comunistas na Alemanha, antes do advento do nacionalismo.

Mas não só na Alemanha assim se manifestou a atividade judaica.

Já em 1903, quando, por ocasião do segundo congresso do Partido Operário Social Democrata da Rússia, os comunistas se dividiram em bolchevistas e menchevistas, vamos encontrar à frente de ambas as facções nomes judaicos.

Entre os principais menchevistas encontramos Martow (judeu Zederbaum), Trotzki (judeu Bronstein) e outros.

No acampamento bolchevista estão Swerdlow, amigo íntimo e colaborador de Lenine, que era filho de mãe judia, Litvnow (judeu Wallach), presentemente comissário dos negócios exteriores da Rússia e ex-presidente da Liga das Nações, Kamenew (judeu Rosenfeld); Jaroslawski (judeu Gubelmann), chefe do movimento anti-religioso na Rússia, Borodim (judeu Crusenberg), chefe bolchevista na China e atual comissário da Rússia na Mongólia, e tantos outros.

Em 1927, o VI congresso partidário bol-

chevista tem em sua mesa assentados 6 judeus e só 3 russos e 1 georgeano.

O relatório de sir M. Findley, comissário inglês na Rússia, dirigido ao governo britânico, logo após a revolução soviética, informa que o bolchevismo é organizado e orientado por judeus, que não se encontram presos à nação alguma e cuja única missão consiste em desmantelar a ordem de cousas existentes, em seu próprio proveito.

Laser Moissejewitsck Kaganowitsch, judeu cujo nome feio já foi censurado pelo sr. Gustavo Barroso, é o braço direito de Stalin, e seu sogro, desempenhando saliente papel na Rússia, como assinalam os órgãos de publicidade israelita na Europa.

E Leon de Poncins em "As forças secretas da Revolução", mostra que, em 1919, de 545 membros da administração bolchevista russa, 447 eram judeus.

Pode-se aduzir ao libelo do ministro Goebbels, que o chefe de Luiz Carlos Prestes, de Agildo Barata e dos revolucionários de novembro de 1935, no Brasil, era o judeu Henri Berger.

E a colônia judaica de Porto Alegre daria um testemunho de que os judeus se identificam com o marxismo, se lhe imputássemos solidariedade ao escritor João Batista Dubieux, que escreveu a cargo dela, o seguinte

tópico no artigo "O judaísmo nos assimilados", na "Crônica Israelita", do "Jornal da Manhã", de Porto Alegre, em 10 de fevereiro de 1935: "Data de cem anos, no máximo os primeiros exemplos de pais judeus que permitiram aos filhos os estudos nas escolas superiores, em completo contacto com os "goim", criando assim essa nova geração que se inspira nas fontes originadas pelos cérebros de Freud, Marx..."

Como se vê, pretende o autor que os descendentes de judeus nascidos no Brasil se inspirem em Marx, isto é, são partidários do comunismo.

A explicação do sr. Dubieux elucidaria porque lemos nos jornais do Rio de Janeiro, meses atrás, a seguinte notícia:

"Ontem à noite foram detidos pela polícia, na jurisdição do 13.º e 14.º distritos policiais, os seguintes indivíduos, tidos como comunistas: Abrahão Rosenberg, Jayme Gordsran, Waldemar Cutinsk, Loper Kaphanski, Jacob Guia, Ruteno Goldberg, Armando Guelmen, Henrique Juillaki, Jayme Sternberg, José Hachternwacker, Waldemar Roitberg, Nicolau Marinof, Joseph Fridman, Carlos Garfinkle, José Weiss, Matis Lipes, Cezar Lindenberk, David Lerer, Sgulin Seko Vrabel, Moysés Kava, Nuter Golfmann, João Schachter e Baruch Zell.

Os detidos pertencem à organização revolucionária israelita chamada "Brazcor", filiada e orientada pelo Partido Comunista Brasileiro, possuindo uma biblioteca popular israelita a "Scholomo Aleichem", instalada na rua Senador Euzébio, n.º 59, e que mantém, também, uma cozinha proletária comunista à rua Visconde de Itaúna, e um órgão oficial da "Brazcor", que é a revista moderna "Volkeskultur".

Êsses jovens israelitas seguem o ideal que lhes é apontado pelo seu célebre patricio Michael Gold, no livro de grande sucesso "Judeu sem dinheiro".

Êsse autor, hoje famoso e festejado nos círculos israelitas, só encontrou razões de viver dedicando-se ao preparo da "Revolução dos Trabalhadores"...

**UM POUCO DE HISTÓRIA DOS JUDEUS
NO BRASIL**

A história dos judeus no Brasil é, ainda, um capítulo secreto que Gustavo Barroso, o grande líder integralista, está desenterrando dos arquivos, para apresentá-la ao conhecimento público.

Para os objetivos dêste trabalho, importa, principalmente, sua atitude atual.

No entanto, não deixa de ter grande interesse a narrativa do judeu Adolfo Benarus, no seu livro de defesa dessa raça, editado em Portugal.

Logo após a descoberta, pela falta de notícia de metais preciosos, ninguém ligava importância às terras de Santa Cruz.

Além dos degradados, para aqui só afluíam os judeus.

Foram êles que, auferindo fartos lucros pela exploração do pau-brasil, chamaram a atenção para a colônia.

Assim é que, quando chegaram os capitães-móres, encontraram os judeus tão sólidos.

damente estabelecidos que não se animaram a dar-lhes o mau tratamento que lhes era dispensado em Portugal.

A população judaica aumentou consideravelmente quando ali se estabeleceu a Inconfiança, porque os judeus perseguidos encontravam refúgio na nova colônia, onde viviam na mais absoluta tranquilidade, guardando a lei de Moisés.

Quando a Holanda se apossou das terras do norte, os judeus portugueses se apressaram a repudiar a máscara de cristãos, e se puseram francamente na defesa dos invasores.

Sob o domínio dêles a entrada de judeus assumiu proporções verdadeiramente extraordinárias, pois que, os fugitivos de Portugal, vinham principalmente para Pernambuco.

Dos portos holandeses, principalmente de Amsterdam, partiam as naus carregadas de pseudo conversos.

Em 1642, embarcaram seiscentos de uma só vez.

Por ocasião do cerco de Recife, ali se encontravam mais de 5.000 israelitas.

Quando, em 1652, já muito reduzidos, os holandeses resolveram enviar emissários para a capitulação, entre estes ia o judeu Abrahão de Azevedo, tal a influência dos is-

raelitas no Supremo Conselho da colônia holandesa.

A 26 de janeiro de 1654 assinou-se a capitulação. Ao discutirem as condições para a entrega da praça, os generais da República Batávica não se esqueceram dos judeus e exigiram se concedesse anistia aos que estavam em Recife e na cidade de Maurícia. Muitos judeus, nessa ocasião, foram para outras regiões americanas, principalmente para as Guianas e Antilhas. Em Barbados, Martinica e São Domingos desenvolveu-se a indústria do açúcar, fortalecida com os ensinamentos e atividade dos judeus de Pernambuco.

Graças à atuação do Padre Antônio Vieira, o célebre jesuíta que tão bem manejava a língua portuguesa, o govêrno foi clemente para com os judeus, mesmo depois da expulsão dos holandeses, atendendo aos apelos que lhe eram feitos, e que se lêem no escrito daquele padre, intitulado: "Proposta feita a el-rei D. João IV, em que se lhe representa o miserável estado do reino e a necessidade que havia de se admitir os judeus mercadores, que andavam por diversas partes da Europa."

O feitio mercantilista dêsses imigrantes, se retrata nesta passagem da obra de Adolfo Benarus:

“QUANDO OS BRASILEIROS RESOLVERAM EXTERMINAR DA SUA PÁTRIA O DOMÍNIO HOLANDÊS, CONVIDARAM OS HEBREUS A PARTICIPAREM NA REBELIÃO. MAS ESTES, NA LUTA ENTRE OS CATÓLICOS, QUE DESEJAVAM A SUA EXPULSÃO, E OS CALVINISTAS, QUE OS PROTEGIAM, NÃO PODIAM DEIXAR DE SEGUIR O PARTIDO DOS ÚLTIMOS.”

Mas, como não foram vitoriosos os holandeses e os brasileiros expeliram o invasor, deram-se pressa os cristãos-novos mais ricos do país em subscrever as ações da Companhia de Comércio, e nela alcançar influência.

Resultou daí a vinda de novos elementos dessa raça, passando a cidade do Rio de Janeiro a ser o centro de sua atração, e a cujo comércio deram grande desenvolvimento.

A Inquisição, porém, veio perturbar-lhes a tranqüilidade. Os novos cristãos sempre foram malvistos pelo povo. Porque?

O mesmo Adolfo Benarus nos explica:

“Judeus de convicção, guardaram a sua fé religiosa, às ocultas dos seus concidadãos, afim-de evitarem perseguições e preconceitos. Os cripto-judeus, como os temos designado no correr do nosso trabalho, por nos parecer que essa designação está, perfeitamente, em harmonia com o que êles na realidade são,

isto é, judeus em segrêdo, são mais conhecidos pela designação de marranos.

Sôbre o significado dêste têrmo, tem incidido larga discussão. O fato do têrmo significar, na língua portuguesa, sujo ou imundo, não implica, necessariamente, o mesmo significado, quando aplicado aos judeus clandestinos, porque é por êste mesmo vocábulo que êles são designados nas literaturas européias, quando estas se referem aos judeus da Península Ibérica, obrigados ao batismo, mas fiéis ao judaísmo no seu íntimo, sem qualquer sentido injurioso ou pejorativo."

Êsse pouco de história nos revela que os judeus não quiseram apoiar os brasileiros, na luta de Pernambuco, preferindo o invasor, que melhor lhes favorecia os interêsses.

E todos se julgavam, adotando o cristianismo para uso externo, perfeitamente justificados pela necessidade, embora não aderissem à nova crença e antes a repudiassem.

Mas, os tempos mudaram e não se exige mais que os judeus se batizem.

Vejamo-los, pois, na atualidade.

A COLÔNIA JUDAICA NO BRASIL

A questão judaica caiu no domínio público, em nossa terra, logo após a fundação da Ação Integralista Brasileira, como anteriormente fizemos notar, pois que esta se fundou em 1932 e a celeuma levantada pelas publicações anti-semitas data de 1933.

Sentindo-se agredidos por essa publicidade, os judeus, em diversos setores, assumiram posições de combate.

Isto sucedeu em Porto Alegre, onde tomaram a soldo colunas dos diários da capital, para propaganda e defesa dos seus interesses.

Acompanhámos com extrema atenção todas essas publicações e tivemos oportunidade de verificar que não serviram bem à finalidade visada, pois delas se pode depreender que a colônia judaica se mostra contrária a qualquer assimilação com os elementos nacionais. São os filhos de judeus aqui nascidos que afirmam pertencer à "juventude israelita".

A inassimilação judaica, a farça da nacionalização dos judeus, que em adquirir voluntariamente a cidadania brasileiros, ressalta a que nos referimos, e constitui o aspecto brasileiro da questão judaica.

A colônia israelita de Porto Alegre ocupou, por largo espaço de tempo, colunas diárias nos matutinos "Correio do Povo" e "Jornal da Manhã".

Nelas estampou crônicas de exaltação da raça judaica, narrando a vida e feitos dos seus pro-homens e o noticiário de suas numerosas associações culturais, esportivas, carnavalescas, da juventude, religiosas, etc., das quais colhemos estes trechos:

"No Brasil vivem 45 mil israelitas (Movimento Israelita, "Correio do Povo", de 11 de novembro de 1934)."

Embora se considerem êsses imigrantes como judeus, aquí estão como pessoas de casa, que têm direito ao bom agasalho que se lhes dispensa, como se vê do "Noticiário Israelita", de 6 de janeiro de 1935:

"O que o Brasil deve ao braço israelita é já grande demais para ser resgatado com um simples agradecimento.

Deve quasi a sua fundação, deve grande parte de sua prosperidade comercial e eco-

nômica, deve a sua estabilidade financeira, porque não dizer?

Que são os banqueiros Rotschild senão verdadeiros e autênticos israelitas e aos quais tantos favores devemos?" (No "Correio do Povo").

Generosamente recebidos entre nós, sem hostilidade, sem preconceitos raciais ou religiosos, os filhos de judeus aqui nascidos não se sentem, apesar disso, integrados na comunidade nacional e confessam constituir uma "Juventude israelita".

Eis o que diz o acadêmico de medicina da Universidade de Porto Alegre, Benjamin Spieguel, numa reunião da "Organização da Juventude Sionista Hatchiah":

"Se, dentro de pouco tempo não desaparecer da face da terra esta peste daninha que se denomina anti-semitismo, a **"juventude israelita"** ver-se-á na contingência de **organizar suas brigadas de choque.**" ("Correio do Povo", 23 de novembro de 1934).

O jovem universitário nos mostra assim a solidariedade racial que subsiste nas novas gerações criadas no Brasil, onde os filhos dos imigrantes judeus não se consideram brasileiros, mas formam a "juventude israelita".

A fobia dos judeus pela assimilação com outros povos é tão grande, que procuram atrair para o seu grêmio mesmo aqueles que,

por circunstâncias históricas especiais, já se deixaram absorver pelo espírito da grande Pátria que os acolheu.

No capítulo anterior sôbre “Os judeus nos Estados Unidos”, vimos como os imigrantes do último quartel do século XIX conseguiram reconduzir à ortodoxia os seus patrícios laicizados e que se haviam integrado anteriormente no espírito norte-americano.

Entre nós, também êles anseiam por fazer voltar ao seio do povo judaico os descendentes de judeu que se fundiram com os brasileiros e esqueceram Israel.

Eis o que diz, na “Crônica Israelita”, do “Jornal da Manhã”, de Pôrto Alegre, em 10 de fevereiro de 1935, o artigo “O judaísmo nos assimilados”, de João Batista Dubieux:

“Quanto à geração dos que para o Brasil emigraram nos tempos coloniais, a maior parte já tem o coração empedernido (o grifo é nosso) pelo esquecimento.

Leite de Vasconcelos, na sua Antroponímia Portuguesa (Liv. II, Cap. IX), cita mais várias famílias de judeus portugueses, que resumiremos em ordem alfabética:

Abelha, Abóbora, Alface, Alho, Almeida, Alvares, Amzalak, Andrade, Aranha, Arroz, Assis, Avelans, Azevedo, Baruch, Baruel, Batatas, Belmont, Benarus, Bensabat, Brito, Bueno, Campos, Carneiro, Cardo, Cardoso,

Carvalho, Cavalheira, Carvalho, Carvalhosa, Castanheiro, Castelo, Castro, Cebola, Cenoira, Chaves, Chivan, Chumaceiro, Cohen, Correa, Costa, Cunha, De la Vega, Dias, Domingues, Doirado, Espinosa, Estrêla, Falero, Fernandes, Ferreira, Ferro, Fidalgo, Figueiredo, Firme, Fonseca, Frade, Franco, Fresco, Frois, Furtado, Gaiola, Gaspar, Gomes, Granja, Grillo, Homem, Haachen, Israel, Judá, Jevis, Lameira, Zacuto, Zuzarte e muitos outros.

Muitas destas famílias conservaram os nomes hebreus, mas a maioria preferiu substituí-los por nomes de plantas, animais ou regiões.

O autor citado afirma que em Portugal muitos não ignoram a sua origem israelita e disso se orgulham.

No Brasil, porém, não se dá o mesmo, e raríssimos são os assimilados que não desconhecem a história dos seus antecedentes.

Numa conferência realizada no Conservatório Musical de São Paulo, tivemos ocasião de assisir uma confissão pública do capitão Levi Cardoso, que afirmava ser um assimilado, mas em cujas veias corre o mais puro sangue judeu.

Muitos brasileiros estão em condições idênticas, mas, por ignorar as origens, não podem, como êste militar, proclamar que o sangue judeu português que lhe corre nas

veias é motivo de orgulho e de altivez natural.

O desconhecimento delas entre a maioria é o que leva a fazer como que não se unam pelos mesmos ideais.

PERTENCE-NOS O DIREITO DE RE-AVIVAR-LHES O SANGUE e despertar-lhes o espírito; cabe a nós o dever de dar-lhes o estímulo, de guiar-lhes os passos na senda que os levará A LUTAR PELA CAUSA DE ISRAEL."

A inassimilação do imigrante judeu, apesar de sua naturalização, para efeito de gozar dos direitos de cidadania, eis o aspecto da questão judaica que interessa especialmente aos brasileiros.

E' a feição nacional da questão judaica.

BRASIL, COLÔNIA DE BANQUEIROS

O sr. Gustavo Barroso, um dos grandes vultos que prestigiam a Ação Integralista Brasileira, é dos que não aceitam excusas dos judeus sôbre o libelo contido nos capítulos anteriores e estão convencidos da perniciosidade da colonização israelita.

Isso se pode afirmar em face da sua apresentação ao público da história dos nossos empréstimos, que constitue o livro de tão ruídooso sucesso, intitulado "Brasil, colônia de banqueiros".

Nessa publicação, mostra o ilustre escritor que a dívida externa do Brasil o reduz a simples colônia de banqueiros, que, pelo ouro, exercem verdadeiro domínio sôbre as nações.

E acrescenta:

"O domínio do planeta por êsses mefos, vem de longa data e é curioso que caiba sempre ao judeu."

Apresenta-nos, assim, o Brasil acorren-

tado pelo ouro de Israel, na forma prevista pelos "Protocolos dos Sábios de Sião".
Rotschild "auxilia" o governo imperial brasileiro, nas horas tormentosas da independência, da seguinte maneira:

Empresta-nos 12 mil contos.

Pagamos-lhe de capital, juros e comissões 60 mil contos...

Fazendo o relato dos assombrosos juros que o Brasil tem pago aos banqueiros israelitas, Gustavo Barroso chama a atenção para o problema judaico.

Manietados pelas dívidas, dominados pelos capitalismo internacional, que forma uma potência paralela ao Governo da Nação, os brasileiros devem empreender uma campanha de emancipação, levada até as últimas conseqüências.

Para Gustavo Barroso isso é impossível sem se levar a efeito um grande esforço para libertarmos da dominação judaica, pois os judeus formam um Estado dentro do Estado.

Sua moral é diferente da nossa.

Não podemos, pois, compreendê-los.

Êles se julgam com o direito de explorarem, sugando o nosso suor e o nosso sangue.

Gustavo Barroso lembra Lutero que clamava:

“E’ preciso incendiar as sinagogas e escolas judaicas. Quem puder atice o fogo com pixe e enxôfre.

Quem puder que junte fogo do inferno. O que não fôr devorado pela chama seja coberto com terra, para que não apareça nenhuma pedra, nenhum pedaço de carvão. Da mesma forma é preciso destruir-lhes as casas, encurralá-los num chiqueiro para que aprendam que não são donos do nosso país. E’ preciso cassar-lhes os direitos, vedar-lhes o trânsito pelas estradas públicas, pois nada têm a fazer nas aldeias.

Cumpre proibir-lhes a usura, confiscar-lhes os bens, jóias, ouro e prata, visto que tudo o que possuem roubaram a nós, por meio de usura celerada, visto como não sabem viver de outro modo... Enriquecem com o nosso suor e o nosso duro trabalho. Estamos ficando cada vez mais pobres devido à sua exploração. Chupam-nos como sanguessugas; deitam-se sôbre os nosso peitos como um pesadelo, êsses canalhas e pançudos vadios...”

Ricardo Wagner já dissera com muito espírito:

“Somos obrigados a lastimar a fineza do senhor Rotschild, que preferiu a ser rei dos judeus, ser judeu dos reis; de credor dos reis transformou-se êle em rei dos credores...”

Gustavo Barroso mostra, ainda, que a cobrança dos juros, essa forma de exploração nitidamente judaica, não se originou do fato de os judeus serem perseguidos pelos cristãos, e por isso se socorrerem do comércio do dinheiro.

Pelo contrário, a sua exploração parasitária dos povos é muito anterior ao cristianismo e o livro "Brasil, colônia de banqueiros" oferece o ensejo de se ver o clichê de um contrato de usura judaica, em escrita cuneiforme, feita na era remota, nos tempos felizes em que os explorados eram, ainda, os assírios e babilônios:

"Dez drácmas em dinheiro de primeira qualidade de Istar, de Ninive, são o crédito de Bel-Jubalat (judeu) sobre Man-nu-kiart-illu (babilônio ou assírio), soma que êle emprestou. O dinheiro renderá o quádruplo. No terceiro dia do mês de Airu será restituído o dinheiro. Mês de Sabá, no 3.º dia, sendo epónimo Bim-lit-ani."

NACIONALISMO
DEFINIÇÃO NECESSÁRIA

Não raro assistimos a discussões prolongadas em que cada orador justifica longamente o seu ponto de vista, sem que se chegue a qualquer conclusão, parecendo o assunto menos claro no final que no início dos debates esclarecedores...

E' que as teses discutidas giram em torno de palavras que não têm unidade de definição e que exprimem conceitos diversos.

Sem que haja, pois, um prévio acôrdo sôbre o seu significado, qualquer controvérsia resulta inútil.

Entre tais vocábulos está o termo "nacionalismo".

Procurando definir a posição brasileira em face do judaísmo, cumpre, primeiro, concertar com o leitor a significação precisa daquela palavra.

Em nome do nacionalismo, vemos a Alemanha expulsar os judeus.

Deve-se, porisso, confundir nacionalismo com anti-semitismo?

Mas, não é tipicamente nacionalista o governo italiano, que não perseguiu nem expulsou os israelitas?

O antagonismo de efeitos da aplicação do nacionalismo, que é flagrante no confronto da atitude alemã, com a italiana, frente ao problema judaico, demonstra que, efetivamente, é preliminar definir a exata conceituação do vocábulo.

Cumpramos não esquecer, porém, que nacionalismo não é um termo original e sim derivado de Nação.

A filiação do vocábulo indica que o seu significado está em função do conceito da palavra originária.

E, efetivamente, é impossível cindir a idéia de nacionalismo do conceito que se fizer de Nação.

Antes, pois, de encararmos o problema judaico, sob seu aspecto brasileiro, vamos conceituar, precisamente, o que entendemos por Nação e, conseqüentemente, por nacionalismo.

A palavra Nação também é daquelas que se precisa definir, para possibilidade de um entendimento em qualquer controvérsia onde figure.

Segundo o conceito de uns, a idéia de Nação envolve a de raça — só um agrupamento da mesma origem étnica e com caracte-

teres distintivos, pode receber a denominação de Eismein, pelo contrário, despreza no caracterizar a Nação o fator racial.

Eis-nos, pois, logo que abordamos a matéria, solicitados a adotar uma ou outra dessas teorias.

A fixação e adaptação de um grupo humano a determinada região terrestre e a transmissão hereditária dos característicos dela resultantes, eis, essencialmente, a raça — resultado de séculos de luta entre o homem e o meio em que vive.

Deus fêz o homem à sua imagem.

Mas fê-lo de terra.

Porisso, talvez, em cada região do universo, o seu corpo se diferencia e se harmoniza com a terra onde nasce, se plasma segundo o barro com que deve, afinal, confundir-se.

As estatísticas aí estão, para prova do predomínio da terra na diferenciação racial.

Os filhos de ingleses com mulheres da Índia nos dão um exemplo frisante.

Dos nascidos na Inglaterra, 75 % têm o tipo inglês.

Mas, dos nascidos de iguais consórcios, na Índia, 75 % têm o tipo indiano, como nos mostra o seguinte quadro do gabinete estatístico da Grã-Bretanha e das Índias:

Crianças nascidas na Inglaterra, durante cinco anos:

346 filhos de inglês com indúia:
 tipo inglês 267;
 tipo indú 79.

192 filhos de indú com inglesa:
 tipo inglês 154;
 tipo indú 38.

Crianças nascidas na Índia, durante o mesmo tempo:

1.277 filhos de inglês com indúia:
 tipo inglês 326;
 tipo indú 951.

855 filhos de indú com inglesa:
 tipo inglês 183;
 tipo indú 672.

A terra que assim molda os corpos, imprime, também, as tendências do espírito.

Não é, pois, de admirar que entre homens igualmente afeiçoados pela terra, se estabeleça um elo de simpatia mais viva, um ponto de contacto na afinidade dos problemas e dificuldades locais a vencer, e que a solidariedade social se afirme no substratum étnico.

Além disso, os conceitos iniciais da antropologia permitiram que cada nação européia se supusesse originária de uma raça diferente.

Os alemães descenderiam todos da raça dólico loura.

Os franceses se originariam diretamente homens alpinos, da raça celta.

Essa suposta homogeneidade racial permitia se tomassem como sinônimos os termos Nação e raça.

Mas, não só o progresso da ciência veio demonstrar que as várias raças se mesclaram, para a formação dos tipos atuais.

Também outro fator importante veio desfazer essa sinonímia.

E' que os grandes acidentes que separaram as regiões do universo, os mares e as montanhas, o homem os encara como meios de ligação.

Uma tábua flutuando, faz do mar uma estrada.

E a barreira das montanhas apenas serve de estímulo à curiosidade de transpô-las...

As migrações humanas para as grandes regiões despovoadas do universo, confundem as raças mais diversas, unem os espíritos aventureiros, que se arriscaram ao abandono do solo nativo, e formam grandes massas humanas, solidárias no mesmo ideal constru-

tivo, que não podem deixar de merecer o nome de Nações.

Eis porque não só aos blocos humanos racialmente homogêneos se pode considerar como Nações.

No entanto, certos povos, constituídos por elementos étnicos de continuidade secular, ainda baseiam a sua unidade política na afinidade racial e nela apoiam os fundamentos da Nação.

A Alemanha nos oferece exemplo vivo, consolidando a sua grandeza na solidariedade da raça ariana.

Também os judeus baseiam a sua solidariedade internacional na raça, que mantêm ciosamente, preservada da mistura do sangue, e pelo culto religioso das tradições.

O PROBLEMA DA RAÇA NO BRASIL

Constituímos já uma raça, isto é, um tipo humano, diferenciado dos demais homens da terra, no qual devemos fundar a comunhão nacional, ou contrariamente, somos um povo que evolue e que se caracteriza pelo espírito que pelo sangue?

A pergunta não é ciosa, porque resume teses que já tomaram letras de imprensa.

Sílvio Romero considerou o brasileiro como “produto sextiário de evolução super-orgânica”, tipo racial já formado, resultante da fusão das três raças povoadoras — o português, o índio e o negro.

Adotando êsse critério, como nacionalismo deveríamos entender a defesa do ímpeto vital dessas três raças, das fusões de sangue estranho.

Encerrariamos o ciclo da nossa evolução racial com êsses elementos que o nosso brevíssimo passado já forneceu.

Contra a visão estreita dessa sociologia fantasista, espíritos como os de Joaquim Na-

buco e Rui Barbosa conclamam todos os povos do universo para formarem conosco a grande Nação, que vem se afirmando pelo caldeamento de muitos povos, sob o preponderante influxo latino, e sua adaptação feliz ao ambiente brasileiro.

O célebre Gobineau, que ligou indissoluvelmente seu nome à teoria das raças superiores, quando aqui esteve, como ministro de Napoleão III, nos julgou um país de raça inferior, dando elementos a Lapouge para profetizar que o Brasil estava fatalmente destinado a tornar-se um Congo sul-americano.

Os fatos aí estão para desmentí-lo, como acentua Alberto Tôrres, em "A Organização Nacional", dizendo:

"O Brasil é, até agora, um país ao qual se pode aplicar, **prima facie**, o nome clássico de nação, pela predominância de um elemento étnico, pela pronta fusão dêste com os elementos indígenas e as minorias de outras origens, pela unidade de religião da língua, pela uniformidade de costumes, pela tradição patriótica e pelo laço político.

Si é verdade que não prevaleceu aqui o tipo negro e sim o latino, não podemos, de modo algum, considerar o tipo atual como definitivo, dando por formada uma "raça",

porque, pela grande extensão territorial do país e pelas conseqüências naturais do desenvolvimento do homem no universo, nossas fronteiras não podem ser fechadas à imigração."

No Brasil, pois, qualquer conceito estreito de raça se afastará das realidades nacionais.

Formamos, incontestavelmente, uma Nação, como salienta Alberto Tôrres, mas não tanto pela unidade étnica, senão e principalmente pela incontestável unidade de cooperação no sentido do progresso da nacionalidade.



Uma Nação não se afirma exclusivamente porque haja unidade étnica em sua população.

Essa unidade não é essencial à sua constituição nem a falta dela importa em situação de inferioridade perante as Nações que a possuem.

Se não confundimos Nação com raça, logicamente não podemos excluir da comunidade brasileira qualquer imigrante que se diferencie histórica e biologicamente do tipo predominante.

Continuaremos porisso a ser a Canaan de quantos se extraviam no universo.

A todos recebemos para o convívio feliz de um povo sem preconceitos.

Dentro de nossas fronteiras há lugar para os filhos de qualquer raça.

Mas, a Nação não é apenas um corpo.

Para constituí-la não bastam os dois elementos materiais que são o território e a massa popular.

Se assim fôsse, qualquer estrangeiro, impermeável às vibrações nacionais, dês que ingressasse em nosso território, seria elemento integrante da Nação.

Todos sentimos que não é assim.

A Nação não é sòmente um corpo, se não, também, um espírito.

Ela se afirma pela conciência coletiva de solidariedade entre os habitantes de um território, conciência que empresta personalidade moral ao conjunto popular.

Cada Nação tem um ideal.

À falta dêste, teríamos um Estado amorfo, uma máquina de governar, a que se submeteriam os homens em razão da fôrça, nunca uma Nação.

O Estado não se identificaria com o povo, seria uma fria e insensível autoridade, como a do senhor sôbre escravos.

E' o que se conclue não só pelo raciocínio, mas uma verdade sentida, quando se medita sôbre o problema da autoridade e da solidariedade popular.

O ideal das nacionalidades é essa espécie de sufrágio universal quotidiano — de que falava Renan —, essa comunhão constante de vontade e de ação empenhadas no sentido da grandeza e felicidade social.

Êle se manifesta como uma imagem fu-

tura e desejada da Pátria, finalidade permanentemente dos esforços de todos os seus filhos. Vêmo-lo manifesto na letra do hino nacional:

“Gigante pela própria natureza,
és belo, és forte, impávido, colosso
e teu futuro espelha essa grandeza...”

O sonho dêsse futuro, que se espelha na grandeza decantada, eis o ideal, o espírito da Nação brasileira, laço espiritual que nos unifica, e que forma a própria nacionalidade. A Nação é, pois, uma coletividade em marcha.

Não é uma situação social definitiva, estratificada, sitiada, que se defenda como o Alcazar.

Pelo contrário, deve ter as portas abertas, como os olhos fixos na frente.

Não deve cerrar as fronteiras para viver na redoma do seu narcisismo.

Todo aquele que busca concretizar as aspirações gerais, integra a Nação, pelo seu esforço material e pela solidariedade de co-operação na obra do futuro.

Assim compreendemos a Nação brasileira.

A Nação Brasileira

A Nação brasileira não é figuradamente um corpo e um espírito, mas o é, na realidade.

Seu corpo é êsse gigante, que os nossos antepassados conquistaram e a que deram vida enchendo-o com o seu próprio sangue.

Fale a voz do oeste, da epopéia bandeirante, pelo verso imortal de Bilac. E ouviremos que é o esforço ingente do desbravador dos sertões que canta na voz dos sinos, nas charruas, no esto da multidão, no tumultuar das ruas, nos campos, nas povoações felizes, nas cidades enormes que se estendem fulgindo como um grande colar de esmeraldas gloriosas, vivendo o sonho de esplendor dos aventureiros audazes, que transpuseram as serras e levaram bem longe a civilização e as fronteiras da pátria.

O Amazonas proclama, pela palavra vigorosa de Viana Moog, que a todos o meio tem implacavelmente derrotado. Todos fogem.

A desambição do caboclo, porém, a sua conformidade, nos assegura a posse do imenso deserto verde.

O solo do Rio Grande, onde reboam tro-péis homéricos de lutas sangrentas, delibera-damente brasileiro, brasileiro se tornou a preço de quanto sangue?

Este gigante que cantamos no Hino Na-cional não é uma dádiva do acaso. E' carne e sangue dos seus filhos, de gerações e gera-ções que se sacrificaram para fazê-lo grande como o queremos.

A alma brasileira é o amor conciente dos seus filhos, sua afeição à terra, às tradições, à doutrina de Cristo.

Ela se afirma na expulsão dos holan-deses.

Mostra a sua magnanimidade no desfê-cho memorável da campanha abolicionista.

Seu espírito cristão nas maravilhas da Candelária, no templo de pedra que se ergue majestoso na capital do Rio Grande, em tan-tas realizações maravilhosas da arquitetura sacra.

E o entusiasmo vivo de que é capaz, quando freme aos apêlos vibrantes que lhe faz Plinio Salgado, o grande condutor de sua marcha para a realização do ideal de gran-deza que é o sonho querido de todos os bra-sileiros.

Todos aqueles que conscientemente defendem o patrimônio moral e material da Pátria, e que se opõem às idéias tão difundidas de afrouxamento dêsse espírito — a propaganda internacional do comunismo sem pátria, que se disfarça em universalismo, em humanitarismo e prega a extinção das Nações — êsses que lutam pela integridade da Pátria não só no terreno material, como, ainda, a defendem no espírito e na inteligência de todos os cidadãos: êsses que repelem as teorias dissolventes dos marxistas, êsses praticam o nacionalismo.

O nacionalismo é, pois, o patriotismo, em ação material e intelectual de defesa da integridade nacional.

Aqueles para quem a Pátria se compõe somente de um corpo, que não sentem o seu espírito — estes não sabem que é o nacionalismo.

Para êles merecem iguais direitos de cidadania os estrangeiros que se conservam em nossa terra, alheios às suas aspirações, ao seu ideal, ao sonho de sua vida, e um brasileiro que vai afirmar, como Plácido de Castro, a soberania do Brasil no coração da América.

Ignoram o nacionalismo, porque são céuticos que não acreditam na Pátria.
São os que saúdam a bandeira brasileira

como a qualquer colega de clube e os que esqueceram de há muito ou se envergonham de cantar o Hino Nacional.

Para êles a Nação é a massa popular, que encaram com a suprema indiferença do seu egoísmo, e as fronteiras são apenas motivo de orgulho e satisfação de domínio.

Quem encara a Pátria como simples fenômeno material não pode ser nacionalista.

NACIONALISMO E IMIGRAÇÃO

Para quantos se dedicam ao estudo dos problemas brasileiros, "A Organização Nacional" de Alberto Tôrres é um manancial precioso de observações sôbre a sociologia nacional.

A tese dêste livro está mesmo compendiada num período daquele monumental trabalho.

Depois de assimilar os elementos integrantes da nossa formação nacional, Alberto Tôrres previne que

" a colonização, com seus vários tipos, credos e costumes, irá desatando o espírito de união e o sentimento de solidariedade."

E adverte:

"Se, entre alguns dos Estados é visível um certo cunho nativista; SE, EM ALGUMAS DAS COLÔNIAS ESTRANGEIRAS, O ESPÍRITO DE NACIONALIDADE OPÕE RESISTÊNCIA À ABSORÇÃO, PODE PRE-

VER-SE O EFEITO DESTAS FORÇAS DISPERSIVAS QUANDO MAIORES MASSAS DE COLONOS SE COLOCAREM NO TERRITÓRIO...

É um aviso sábio, que está merecendo a atenção nacional.

Só para trazê-lo presente ao espírito dos meus patrícios, dei forma a esta tese.

Precisamos precaver-nos contra os efeitos desastrosos que nos pode trazer o recebimento franco de elementos estrangeiros que se opõem à absorção.

O problema é de alta importância, e afeta mesmo os destinos da nacionalidade.

Fale, ainda, Alberto Tôrres:

“As nações modernas, feitas sobre terrenos heterogêneos, com raças distintas, são obras d’arte política, que demandam décadas de trabalho conciente e de calma elaboração; êste trabalho exige um programa, um plano, uma ação contínua e perseverante; se elas possuem capacidade para o conhecer, e energia para o realizar, vencem e perduram; se não possuem, dissolvem-se, ou desfalecem, numa precoce cachexia.”

Não é, pois, sem propósito falar sobre o assunto, pedir para êle a atenção geral.

Cumpre que o nacionalismo se exerça, por meio de uma ação eficiente no sentido de aprofundar estudos sobre o problema

étnico, não se deixando deter por preconceitos de qualquer espécie.

Devemos dedicar-nos à análise e às investigações antropológicas com desembaraço e sem outro cuidado que o da defesa nacional.

As publicações oficiais, relativas à entrada de estrangeiros no território nacional, em 1935, assinalam as mais diversas procedências de imigrantes.

Nenhum judeu, porém, se registrou haver entrado em nosso território.

E' que aceitamos os israelitas pelo seu passaporte, sem atenção ao problema antropológico.

Desprezamos, assim, o problema da raça, que não pode ser resolvido com estatísticas de nacionalidade quando é certo que os fatores étnicos não podem ser alheios aos interesses nacionais.

JUDAÍSMO E NACIONALISMO

Os judeus fazem de sua religião um programa de defesa racial.

Nos capítulos anteriores já deixámos demonstrada essa sua clara tendência.

Observámos, entre nós, que êles tigram em não permitir a mistura de sangue e assim vão mantendo a sua união baseada na solidariedade étnica.

Já os vimos isolando-se dos elementos nacionais, quer em bairros próprios, quer reduzindo as suas relações sociais a associações próprias e fechadas.

A observação norte-americana não é diferente.

“O judeu americano — fala Ford — não se assimila, e conste isso não como censura, mas por ser fato inegável.

O judeu, se quisesse, poderia muito bem tornar-se yankee, mas não o quer.

Se, na América, fora da inquietação pro-

duzida por suas enormes riquezas, existe, realmente, um prejuízo contra o judeu é o que vem de sua acentuada separação do resto dos americanos e que dá a idéia de que não quer pertencer à comunidade nacional."

A observação de André Siegfried, em "Les États-Unis d'aujourd'hui" não é diferente.

Após nos mostrar a rápida e aparente americanização dos judeus, aquele escritor nos convida a visitar a terceira geração desses imigrantes.

Ele nos conduz aos bairros pobres, onde se apinham os israelitas, e aos quarteirões elegantes, onde se erguem as suas suntuosas vivendas.

Nuns e noutros, voluntariamente ou não, veremos os judeus grupados, menos pelos laços religiosos do que pela sua obscura comunhão de raça.

Estamos em face, pois, de fatos positivos, que indicam o pequeno grau de assimilação dos judeus.

E' verdade que muitos há assimilados, no Brasil, de séculos anteriores. Mas é um fenômeno histórico passado e extraordinário.

Outra é a sua orientação atual, do imigrante judeu.

Já vimos fenômeno idêntico nos Estados

Unidos, no fim do século passado, isto é, o apêlo dos novos imigrantes aos assimilados para voltarem á sua comunhão racial.

Já nos jornais de Pôrto Alegre registámos apêlo semelhante.

O sr. João Batista Dubieux exclama, pelas colunas israelitas:

“Pertence-nos o direito de reavivar-lhes o sangue e despertar-lhes o espírito; cabe a nós o dever de dar-lhes estímulo, de guiar-lhes os passos na senda que os levará a lutar pela causa de Israel.”

Em face de tão concretos argumentos, como admitir-se que aceitemos os imigrantes sem perguntar de sua origem étnica, se os judeus, sabidamente formam uma raça que se mantém, no seio nacional, como um corpo estranho, formando o “enkistamento”, que constitue um grave problema, como adverte em “Raça e Assimilação” o notável publicista Oliveira Viana?

Vamos, pois, fazer estatísticas completas, sem nos determos pelos preconceitos tão prejudiciais e que impedem o cuidado que o magno assunto está a exigir.

E, também, não distribuamos com a facilidade de perdulários, as nossas cartas de naturalização.

Vamos conceder o título de nacional somente aos imigrantes que efetivamente estejam integrados na vida brasileira.

E, quanto aos "enkistamentos" que se formarem, uma boa política, discreta e bem orientada, num sentido superior de solidariedade humana, há de fazê-los desaparecer.

Mas é preciso que oficialmente se encare esse assunto.

Do contrário, se, por delicadeza, deixarmos de resolver o caso de frente, o povo reivindicará para si essa tarefa.

E as manifestações de anti-semitismo virão, talvez, empanar as nossas tradições de alta hospitalidade, que devemos defender a todo o transe.

G

**O NACIONAL-SOCIALISMO
NO BRASIL**

Apontando rumos à política nacionalista, não somos levados pelo anti-semitismo.

E' verdade que aqui transcrevemos o formidável libelo contra os judeus. Mas era necessário dar ao leitor uma impressão nítida da questão judaica, para assentar o ponto de vista brasileiro, em face do judaísmo.

Advogando a formação das estatísticas com dados étnicos, não pretendemos que se realize a profecia daquele genial judeu que foi Henrique Heine:

“Se algum dia o espírito de nacionalidade vier a triunfar, desencadear-se-á, então, sôbre a cabeça dos pobres judeus uma tempestade de perseguições que ultrapassará muito tudo o que padeceram no passado.”

Porque o nosso nacionalismo não se ba-

seia na unidade étnica e na sua conservação pela exclusão de outras raças.

O que pretendemos é justamente impedir que se formem e alicercem núcleos raciais autônomos dentro da nossa pátria, que se está formando pelo caldeamento de muitos sangues.

Como permitirmos que, dentro do nosso território, onde pretendemos irmanar os homens das regiões da neve eterna, com os imigrantes das zonas tórridas da África, se formem grupos isolados da comunhão nacional pela transmissão de característicos raciais próprios?

Assim, do mesmo passo, somos forçados a chamar a atenção nacional para a propaganda Nacional-Socialista em nosso meio.

Como se sabe, os imigrantes alemães aqui se radicaram, formando uma grande colônia, perfeitamente integrada, por manifestações positivas e indiscutíveis, na comunhão nacional.

E' verdade que entre êles se cultua a língua alemã e a cultura germânica, o que, porém, não constitue um embaraço à sua assimilação.

Oliveira Viana cita dados a respeito.

Após mostrar, que o índice de fusibilidade judaica é 0, com exemplos estrangeiros,

pois que no Brasil não há dados oficiais a respeito, em "Raça e Assimilação" se afirma como índice de fusibilidade alemã, em São Paulo 36,6 % e no Rio Grande 59,2 %.

Mas, se os teuto-brasileiros timbram em nacionalizar-se e têm dado demonstrações positivas, em sua imprensa e literatura, pelo seu espírito patriótico, os últimos anos nos trouxeram um grave elemento de perturbação dêsse sentido de vida.

E' que o Nacional-Socialismo, vigorante na Alemanha, se baseia na utópica unidade racial do seu povo.

Como corolário, entende que todos aqueles que descendem de alemães e conservam a pureza étnica, podem pertencer à comunidade alemã, ser considerados cidadãos da Alemanha, e torna possível aos teuto-brasileiros ter dupla nacioanlidade.

A propagação de tais princípios no seio da colônia teuto-brasileira e sua adoção importaria em uma barreira à fusão de raças.

Felizmente a doutrina racial do Nacional-Socialismo encontrou adversários valiosos e inúmeros no seio da própria colônia teuto-brasileira, onde a questão se acha acesa.

E' um problema semelhante ao judaico, para o qual nossas vistas devem se voltar.

Nacionalismo é energia na defesa do Brasil brasileiro, contra a formação de grupos étnicos diferentes em seu meio.

Se não realizarmos êsse programa, corremos o risco de dissolvermo-nos, e para êle nos levam a apatia e a indiferença que tão fundamentalmente minaram o caráter nacional.

Vamos reagir.

EDIÇÃO

N.º 975

Para pedidos telegráficos dêste livro, basta indicar o número 975 antepondo a êsse número a quantidade.

Exemplo : para pedir 10 exemplares do presente livro basta indicar :
GLOBO — Porto Alegre — 10975.